

A Escola e os Professores Tradicionais: a prática de letramento digital no contexto dos professores de uma escola de Belém (PA)¹

Will Montenegro TEIXEIRA²

Lucilinda Ribeiro TEIXEIRA³

Fabício Borges SANTA BRÍGIDA⁴

Faculdade Paraense de Ensino, Belém, PA

Universidade da Amazônia, Belém, PA

Faculdade Pan Amazônica, Belém, PA

Resumo

A escola é uma instituição educativa, social e política e a educação perpassa pela reprodutibilidade técnica das telas. O letramento é uma prática sociocultural de uso da língua escrita que se adéqua e se transforma à medida que o tempo passa. O objetivo desta pesquisa foi analisar as práticas de letramento digital na escola estadual de Ensino Fundamental Prof^a. Emiliana Sarmiento Ferreira, em Belém (PA) a partir da vivência de professores, considerando a efetivação na conectividade. A metodologia foi baseada na pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e entrevistas. Entrevistadas semi-abertas foram realizadas com oito professores que se revezam nos turnos matutino e vespertino. Entre os resultados estão que os suportes digitais não são usados como recursos didáticos de aprendizagem e os professores não têm formação na área da informática.

Palavras-chave: letramento digital; professores, escola; comunicação

INTRODUÇÃO

Um dos desafios para pensar a comunicação na contemporaneidade diz respeito à relação da compreensão do lugar ocupado por ela na atualidade. A temática tem mobilizado inúmeros autores, como Kleiman (2005), Soares (2011), Castells (1999) e Shaun (2002), a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências Sociais (área de concentração em Sociologia) pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Senac-RJ. Pós-graduado em Gestão Responsável para a Sustentabilidade pela Fundação Dom Cabral. Graduado em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela Universidade da Amazônia (Unama). Jornalista profissional (MTE/PA nº 2.298). Coordenador e professor adjunto dos cursos de Comunicação Social (habilitação em Publicidade e Propaganda) da Faculdade Paraense de Ensino (Fapen) e da Faculdade Pan Amazônica (Fapan). Professor da Faculdade de Estudos Avançados do Pará (Feapa). E-mail: willmontenegro@hotmail.com. Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Especialista em Ecoturismo e em Docência e Metodologia de Pesquisa em Turismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Administração pela Unama; em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (Uepa); e em Turismo pela UFPA. Coordenador pedagógico e professor adjunto da Faculdade Paraense de Ensino (Fapen) e da Faculdade Pan Amazônica (Fapan). E-mail: fasantabrigida@hotmail.com.

³ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora titular da Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: lucilind@uol.com.br

⁴ Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama). Especialista em Ecoturismo e em Docência e Metodologia de Pesquisa em Turismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Administração pela Unama; em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (Uepa); e em Turismo pela UFPA. Coordenador pedagógico e professor adjunto da Faculdade Paraense de Ensino (Fapen) e da Faculdade Pan Amazônica (Fapan). E-mail: fasantabrigida@hotmail.com.

pensar a incidência da comunicação na sociabilidade (CASTELLS, 1999) e das mobilidades de conexão (LEMOS, 2005) com a contemporaneidade na tentativa de compreensão da atual sociedade, que se dinamiza com os processos evolução tecnológica, se estrutura a partir da comunicação e, ao mesmo tempo, influencia diversos campos do conhecimento.

As formas de comunicação sofrem influência de transformações processadas, que se constituem a partir de condições econômicas, sociais e culturais da expansão da Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX (primeira e segunda Revolução Industrial), que trouxe à vida na Europa e nas Américas. Novos meios de trabalho, diversão e consumo, novas exigências de moradia e circulação, novos hábitos, necessidades e maneiras de sentir e compreender a existência humana surgem, afinal, novas condições de experiência e produção.

Assim como na comunicação, as mudanças passam a ocorrer, para citar alguns exemplos, também nas artes visuais, que incluem as artes plásticas em suas linguagens mais tradicionais, como a pintura e a escultura, e as novas linguagens decorrentes dos meios de reprodução mecânica, como a fotografia, o cinema, o design e a moda.

O desenvolvimento dos meios de reprodução mecânica⁵ no século XIX veio a afetar toda a esfera da produção e do consumo humano, substituindo o fazer manual – lento e em pequena escala – pelo fazer da máquina, ou seja, rápido e em larga escala. Benjamin (2013) discute as mudanças ocorridas nos processos de produção que se refletiram nos setores da cultura e como as técnicas de reprodução em massa, tais como a fotografia e o cinema, modificaram o entendimento das obras de arte, na produção, na concepção, na recepção e na percepção.

O cinema é uma arte que gera no homem novas percepções e reações por meio das máquinas, que, segundo Benjamin (2013), são capazes de captar e de refletir o real, que aparece como realidade pura. A educação também desperta, no homem, novas percepções e reações em relação ao seu universo.

O filme é considerado uma obra de arte montável que sofre influência da opinião pública ao ser construído e irá atingir a população de diferentes formas. Uma das funções sociais mais importantes do cinema é que ele permite a representação do mundo pelo homem através da câmera. Assim como na educação a distância, onde há possibilidade de manifestação da visão do mundo através das ferramentas disponíveis.

⁵ Benjamin (2000) analisa o período em que os modos de produção migram de um sistema artesanal, único e manual para um sistema mecanizado e de produção para as massas.

Após o cenário de transformação expressiva do século XIX, vale ressaltar a segunda metade do século XX, as mudanças de meio século foram basilares e sedimentares para uma configuração social e tecnológica, fundamentada na interação social.

Manuel Castells (1999) tem os estudos centrados na sociedade civil e movimentos populares, e ainda analisa o impacto das novas tecnologias na sociedade. Baseados no autor, três grandes fatores mundiais afetam as interações e reações sociais. São eles: a tecnologia da informação, a crise do capitalismo e a emergência de movimentos culturais. Os fatores imprimem influências na economia, estrutura social e cultura. A economia passa a ser global, a sociedade baseada em rede (na conexão) e a cultura é virtual.

É nesse momento, de turbulência, de firmação e efetivação das NTIC que emerge a chamada era informacional ou ainda sociedade da informação. Ela pode ser denominada de sociedade do conhecimento, da inovação, do digital e ainda dos computadores. É partir disso que os computadores se firmam e a internet, timidamente, se alastra pelo mundo. Castells (1999) menciona que há quatro telas que norteiam a sociedade. Segue a ordem: cinema, computador, celular e, agora, o *ipad*.

Dentro dessa perspectiva, Lemos (2005) analisa a sociedade da informação apontada por Castells (1999) e afirma que a sociedade da informação passa por transformações nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação a partir da popularização no uso da internet com computação sem fio, a partir da década de 80.

A sociedade da informação (LEMOS, 2005), caracterizada pela convergência tecnológica, chega a uma nova fase, a era da conectividade com os computadores coletivos móveis em uma expansão não só do computador, mas também de uma tecnologia denominada de “nômade”, como os *laptops*, *palm*s e celulares. “A rede é o computador e o computador uma máquina de conexão” (p.2). Lemos (2005) afirma que há extensão dos métodos de conexão entre as pessoas em si, a máquina e elas e ainda entre máquinas pelo fato de uma computação onipresente e com troca de informações constantes.

COMUNICAÇÃO E O LETRAMENTO DIGITAL

A comunicação e a forma de se comunicar passaram por transformações. Essa mudança também transformou a forma de ler. À medida que ocorriam as revoluções na

comunicação, o leitor adaptava-se à nova realidade, realizando novos processos cognitivos de leitura e performances para continuar a entender e comunicar-se com o mundo.

Devido a adaptação do leitor às transformações ocorridas na forma de se comunicar, Santaella (2013, p. 267-269) reafirma a necessidade de compreender o novo tipo de leitor, que emergiu com as redes de comunicação planetárias. Ela sistematizou a multiplicidade dos leitores, em três grandes tipos, que são: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo.

Segundo Santaella (2013, p. 268), "o leitor contemplativo é o leitor meditativo da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa". Esse tipo de leitor estabelece uma íntima relação como livro e com a leitura – individual, solitária e silenciosa. A relação de cognição é essencialmente contemplativa e concentrada, estabelecendo uma ligação com o objeto – livro – durável, fixo e imutável –, passível de ser revisitado e resignificado. Esse leitor nasceu no Renascimento e perdurou até meados do século XIX.

O leitor movente é fruto da revolução industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos, na aceleração capitalista. Esse leitor surge sob o efeito da velocidade, do transitório, do excessivo e da instabilidade que fragmentava o entendimento das relações humanas. Esse tipo de leitor, ler o mundo em movimento, dinâmico, das misturas de sinais e linguagens de que as metrópoles são feitas. Segundo Santaella (2013),

o leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direção, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e apagam, leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo. (p. 269).

Esse tipo de leitor nasceu com a segunda revolução da comunicação, com a criação dos jornais, como mídia de massa, e o universo reprodutivo da fotografia, cinema, além de manter suas características básicas quando se deu o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão.

"O leitor movente preparou a sensibilidade perceptiva humana para o surgimento do leitor imersivo" (SANTAELLA, 2013, p. 271). É aquele que brotou nos novos espaços das redes computadorizadas de informação e comunicação. O processo de cognição para apreensão da leitura nesse tipo de leitor inaugura um modo inteiramente novo de ler que implica habilidades muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso que segue sequências de um texto escrito, virando páginas, manuseando volumes e o leitor de imagens ou espectador de cinema, televisão. É um leitor imersivo, porque

navega em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis.

Com o desenvolvimento tecnológico e a evolução da internet, os computadores deixaram de serem equipamentos de arquivamento de dados pessoais e conectaram-se a uma rede infinita de possibilidades. Para Lemos (2005),

novas práticas e usos da informática surgem, como vimos, com essa mudança de paradigma. A internet fixa mostrou o potencial agregador das tecnologias de comunicação. Agora a internet móvel está aproximando o homem do desejo de ubiquidade fazendo emergir uma nova cultura telemática, com novas formas de consumo de informação e com novas práticas de sociabilidade. (p. 16).

Com tantas e rápidas mudanças, devido ao avanço tecnológico, como afirma Santaella (2013), surgiu um quarto tipo de leitor, denominado de “leitor ubíquo”. O perfil cognitivo desse novo tipo de leitor herda, em tempos de convergência, as características tanto do leitor movente, quanto do imersivo.

O leitor ubíquo está situado em um espaço e em um tempo propícios a ocorrer essa fusão - de mobilidade física, aliada a mobilidade virtual das redes, que se entrelaçam, interconectam, mudando até mesmo a forma de coexistirem. Essa hipermobilidade do leitor ubíquo, que cognitivamente é inédita, o faz responder ao mesmo tempo a distintos focos sem se demorar reflexivamente em nenhum deles.

O homem não está aparte do processo de transformação, pelo contrário, ele é o foco da mudança. É um novo “desafio que apenas estamos começando a vislumbrar” (SANTAELLA, 2005, p. 278), que essas mudanças estão trazendo para os processos educacionais.

Assim como um leitor não leva o novo a extinção, nenhuma tecnologia da linguagem e da comunicação nova ocasionou a eliminação das tecnologias anteriores. Nenhuma nova formação cultural até hoje conseguiu levar as formações culturais anteriores ao desaparecimento.

O termo letramento serviu para designar o que já foi aqui mencionado, mas, a palavra “letramento” advém da tradução do termo em inglês *literacy*, sobre a qual Soares (2005, p.17) diz que “é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”.

O letramento está relacionado com uso da escrita em sociedade e o impacto da língua na vida moderna, designando uma prática sociocultural de uso da língua escrita que se adéqua e se transforma à medida que o tempo passa, assim como se transformou a sociedade, a família, o trabalho, a relações comerciais, a ciência e os demais aspectos da

vida humana mudaram, a língua escrita, também mudou. Isso se deu muito em virtude dessa escrita passar a ser de domínio universal, deixando de pertencer a poucos e passando a ser um direito de todos.

Antes para ser alfabetizado era necessário somente ter o domínio do código alfabético, mas na atualidade espera-se que além de dominar esse código, o aluno consiga comunicar-se através da escrita em uma variada gama de situações e plataformas, sobretudo, digitais (KLEIMAN, 2005)

Os estudos sobre letramento ampliaram a observação sobre como o sujeito tem a capacidade de relacionar as informações com a leitura e com a escrita, sabendo responder as exigências da sociedade impõe, portanto, ler além do código. "É o estado o condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as praticas sociais que usam a escrita" (SOARES, 2005, p.47).

Observa-se, assim, que a concepção de alfabetização não se dissocia do termo letramento, pois, segundo Frago (1993, p.27), "alfabetizar não é só ler, escrever, falar sem uma prática cultural e comunicativa, uma política cultural determinada". É necessário afirmar que há distinções, pois existem fusão inadequadas, com prevalência ao letramento, mas cada conceito tem suas especificidades, ressaltando que:

[...] tanto a alfabetização, quanto o letramento tem diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático – particularmente a alfabetização, em suas diferentes facetas – outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações [...] (SOARES, 2005, p. 16).

A utilização do termo letramento, segundo Gadotti (2005), é uma resposta às novas demandas da sociedade, que cada vez mais está centrada na escrita e muda aceleradamente para responder aos processos econômicos, atrelando com isso os aspectos culturais, políticos e sociais. Não é somente uma ponderação quanto à terminologia, e sim uma posição ideológica que vai de encontro à tradição freiriana.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa foi baseada na pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e entrevista. A pesquisa bibliográfica foi necessária para fazer o levantamento nacional e internacional de produções científicas, dissertações e teses, com o intuito de fundamentar a elaboração do estado da arte sobre a temática e discussão

teórica para análise e reflexão dos dados desta pesquisa. Além disso, as fontes e os dados especializados em cada área do saber que tratam do objeto ajudaram a complementar o trabalho.

De acordo com Duarte (2005), a análise de conteúdo pode ser dividida em três partes. A primeira consistiu no planejamento, seleção e organização dos materiais. O intuito era sistematizar os elementos a serem analisados. Em segunda etapa, ocorreu a discussão e a análise propriamente dita do trabalho selecionado, o que envolveu por meio de codificação e articulação dos objetos. Nessa fase, professores foram submetidos a um formulário a fim de averiguar as condições de práticas de letramentos digital realizadas na escola.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Emiliana Sarmiento Ferreira, que possui um contingente de 229 alunos matriculados, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino.

A seleção da escola levou em conta que o critério de oferecer ensino pela rede pública do estado do Pará; de disponibilizar atendimento Ensino Fundamental dos anos iniciais há exatos 52 anos; estar inserida na confluência na área periférica de dois bairros Sacramento e Pedreira, na região metropolitana do município de Belém; ter disponibilidade por parte dos professores e alunos para participarem da pesquisa; possuir um laboratório de informática com acesso à internet; ter uma sala de leitura estruturada, que não se trata de biblioteca, com professor específico; e o pesquisador é servidor público lotado no cargo de Técnico em Educação na escola há 6 anos, exercendo a função de vice-diretor há 5 anos.

A entrevista semi-aberta foi a modalidade de entrevista em profundidade mais indicada para esta pesquisa. A partir de uma matriz, o modelo tem o início no roteiro de questões. A semi-aberta tem questionamentos básicos, que no decorrer da entrevista, pôde ser discutidas e ampliadas em profundidade. Além disso, cada pergunta é aprofundada a partir das respostas do entrevistado.

Determinou-se como universo das entrevistas todos os professores do ensino fundamental – anos iniciais dos turnos da manhã e da tarde, sendo no total de 8 entrevistados. Os professores têm formação em nível superior com o Curso de Graduação em Pedagogia. Em média, o tempo de formação é acima 5 anos.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DOS PROFESSORES

Para desenvolver sua função social, a escola precisa proporcionar um ensino e uma aprendizagem que levem o aluno a pensar, a aprender, a construir a sua própria linguagem e a se comunicar, a usar a informação e o conhecimento para ser capaz de viver e conviver num mundo em constante transformação.

Nesta perspectiva, a formação e a atuação do professor deve, necessariamente, ser direcionada para um novo paradigma de educação. Os professores precisam ser profissionais competentes, cuja formação os tornem capazes de criar novos ambientes de aprendizagem, que colaborem para o desenvolvimento de cidadãos autônomos, de indivíduos que pensem por si só e que estabelecem relações de reciprocidade e interação. Segundo Gadotti (2008, p. 94), “o professor tornou-se aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador e, sobretudo, um organizador da aprendizagem”.

A partir dessa abordagem foi importante não só de entrevistar os alunos, e sim entrevistar também os professores para saber quais as suas concepções acerca de letramento, recursos didáticos, da utilização do laboratório de informática, sua formação curricular ligada à TDIC e as suas perspectivas sobre letramento e formação cidadão.

Nesse momento da pesquisa, os professores entrevistados recebem os nomes de anjo, com o intuito de não identificá-los. Para isso, foram escolhidos o nome de oito anjos em função da difícil localização de homônimos no cotidiano e também por ser um experiência acadêmica utilizada em outros trabalhos.

O primeiro ponto analisado foi sobre letramento, que segundo Kleiman (2005), envolve um conjunto de habilidade e de competências, mas não como um fim, e sim como um meio para participar de eventos de letramento relevantes a participação social, criando e recriando a partir da realidade do indivíduo para que haja a interação social.

Ao serem questionados sobre quais as atividades desenvolvidas proporcionam o letramento dos alunos, os professores responderam que:

"Trabalho a partir do nome, formação de palavras, letras inicial do nome, contagem de letras, leitura, escrita, calendário móvel, realidade e cotidiano do aluno.trabalho psicogênese . considerar todos os níveis". (Menadel, professora)

"Jogos, textos, quadrinhas, poemas". (Nanael, professora).

"Pesquisa em revista, introduzindo a pesquisa, recorte, escrita, jogos, leitura, ditado". (Jeliel, professora).

"Jogos, atividades lúdicas, brincadeiras, ordem alfabética, consulta ao dicionário, dobraduras". (Lelabel, professora).

"Bingo, jogos diversos, pesquisas, letras de músicas e contação de histórias e a relação que a história contada tem com a vida real". (Elemiah, professora).

"Poema, música, desenho, contação de histórias". (Haziell, professora).

"Pesquisa, leitura duas vezes semana, cópias". (Rochel, professora).

"Textos, jogos, soletração". (Cahethel, professora).

Pode ser observado que as respostas dos professores direcionam para que ocorra a prática do letramento, visto que muitas das atividades citadas relacionam a utilização do código alfabético-ortográfico às atividades de cunho de interação social.

Quando são trabalhados jogos, brincadeiras coletivas ou contação de histórias, por exemplo, subentende-se que o trabalho é em grupo e que há um direcionamento a respeito às regras dos jogos ou ao objetivo da brincadeira e, conseqüentemente, ao outro, a escuta, o ordenamento.

No entanto, quando o professor menciona soletração, a contagem de letras, ordem alfabética, dentre outras atividades envolvendo a escrita, sinaliza para a questão da alfabetização retomada constantemente para que haja continuidade à questão do letramento e a efetiva utilização do código alfabético-ortográfico

O fenômeno do letramento, para Kleiman (1995, p. 20), “extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”, proporcionando entendimento da leitura de mundo, citada Freire (2013), que afirma a necessidade de “ir à essência do diálogo enquanto processo gerado pela comunicação”, e para isso, é necessário aliar-se ao processo civilizatório, participativo, com o caráter social, mobilizador e cultural.

A escola é a mais importante das agências de letramento e foi concebida para introduzir formalmente o indivíduo no mundo da leitura e da escrita, mas o letramento precisa ir além da concepção formal, para dar significação a realidade vivida pelo indivíduo.

Quando questionados sobre quais os recursos didáticos utilizados no dia a dia em sala de aula, os professores responderam que utilizam:

“Livros (didático e para didáticos), jogos pedagógicos, sequência didática, jogos elaborados na sala, materiais impressos, vídeos”. (Menadel, professora).

"Quadro, jogos, baralho silábico, baralho de frases e quadro de cinesiofonologia". (Nanael, professora).

"Revista, jornal, jogos, colagem, quadro e livros". (Jeliel, professora).

"Cartazes, atlas, gráficos, livros e jornal-dicionário". (Lelahel, professora).

"Cartazes, alfabeto móvel, brinquedos de letras e números, atividades xerocadas e livros didáticos". (Elemiah, professora).

"Livros, recorte de jornal, quadro e literatura de cordel". (Haziell, professora).

"Letras, livros de história, matemática, sucatas, como tapas de garrafas, e pau de picolé". (Rochel, professora).

"Quadro, cópias, ditados e livros". (Cahethel, professora).

Observa-se que o mencionado reforça o trabalho de letramento e alfabetização analisado anteriormente, mas que não introduz o aluno em nenhum momento as novas TDIC.

Percebe-se o distanciamento da utilização da tecnologia digital em sala de aula, juntamente em um tempo que a sociedade passa por profundas transformações e a comunicação amplia o uso das TIC's em todos os âmbitos da vida humana. A comunicação e a linguagem adquirem uma multiplicidade de sentidos aliadas a proliferação das tecnologias, inserindo novas vozes a essa polifonia.

O aprimoramento e a facilidade de utilização dos computadores, o desenvolvimento tecnológico ajudando na disseminação do uso da internet e estabelecendo novas formas de sociabilidade interferem diretamente no processo de cognição humana, sendo iminente necessidade de adaptação da escola para inserir em seu currículo e no seu cotidiano as novas tecnologias.

A lógica de desenvolvimento do processo educativo, que possibilita a leitura de mundo passa agora a ser de como o educando compreende a realidade e não como o educador a interpreta para o educando. Assim, surge um novo paradigma – o letramento digital, que estabelece que o indivíduo domine um gama de informações e habilidades mentais, que possibilitem das significações à existência deste homem em um mundo cada vez mais cercado de máquinas eletrônicas e digitais, enfim pós-moderno.

Quanto à utilização do uso do laboratório, os professores mostraram a falta de domínio e a não autonomia quanto ao uso do espaço – laboratório de informática, demonstrando que o técnico é responsável em realizar as atividades como as citadas a seguir:

"É necessário que o técnico elabore o que o professor peça para que ele [técnico] trabalhe com os alunos". (Menadel, professora).

"Seguindo relação do que era trabalhado em sala, solicitava ao técnico do laboratório, sílabas e formação de palavras, sequências numéricas, contagem de sílabas". (Nanael, professora).

"Utilizo associada ao professor de informática. Ele planejava a partir do tema fornecido, como matemática e ciências". (Jeliel, professora).

"Utiliza um técnico, dá o assunto ao professor e ele pesquisa. Depois leva para os alunos para interagirem com os jogos". (Elemiah, professora).

"Fala do tema para o técnico [professor] pesquisar para que os alunos possam fazer". (Haziél, professora).

Analisa-se que o processo de letramento digital não é uma necessidade somente do aluno, mas do professor também que, muitas vezes, não se apropria do TDIC na escola e não a utiliza com seus alunos.

Contrariando o que se pensa de formação de professor, aponta-se que não há um investimento na formação continuada, sendo que isso traz prejuízo na formação do aluno.

A alfabetização digital ocorre a partir da compreensão e interação dos modos de funcionamento do sistema de representação alfabético e ortográfico a partir da interação do indivíduo com o computador, utilizada como mais uma plataforma ligada à aprendizagem do sistema de escrita e o professor não se utiliza dessa plataforma para interagir com o aluno, deixando de oportunizar ao professor e ao aluno a inserção no universo da cibercultura.

Se não há utilização ou acesso, como professores e alunos podem ser letrados digitalmente? Como é demonstrado no tópico sobre a utilização dos recursos didáticos, somente ocorre a utilização de plataforma escritas em impressos e nada digital.

Já dois professores ressaltaram que a utilização ajuda mostrando que a utilização autônoma do aluno, auxilia no aprendizado, como demonstra a citação seguir:

"Ajuda na utilização para interpretação de texto, de como escrever as palavras, aprendem a escrever através do corretor de palavras". (Rochel, professora).

"Direciona atividades de jogos, muitas atividades lúdicas e pesquisas". (Cahethel, professora).

Somente um professor afirmou que não utiliza o laboratório de informática, nem com a ajuda do técnico, pois não sabe relacionar o conteúdo a utilização da informática.

"Não uso, realizo as aula sem o material do laboratório. Planejo diferenciado, mas não sei como usar o conteúdo na informática". (Lelahel, professora).

A utilização do laboratório de informática associa-se a falta de cultura ou de hábito por parte do professor, que não teve formação ou não foi o suficiente para que o mesmo sintasse confortável ou seguro para utilização. Foi o que se constatou quando perguntados sobre a sua formação em relação ao estudo de informática durante a sua formação de professor.

"Sim, tive informática educativa, mas não o suficiente para minha formação". (Menadel, professora).

"Na formação, não. Experiência pedagógica tem que existir para ajudar na formação do professor". (Nanael, professora).

"Não tinha informática e nem educação especial". (Jeliel, professora).

"Não, nenhuma formação de informática". (Lelahel, professora).

"Não, inclusive não tem nenhuma formação afim". (Elemiah, professora).

"Não, nada". (Haziell, professora).

"Sim, informática educativa, mas não foi o suficiente, tive que buscar fora para ajudar na carreira de docente". (Rochel, professora).

"Não, se não se atualizar fica para trás". (Cahethel, professora).

Muito ainda tem que ser feito em relação à ampliação do currículo em todos os níveis, como afirma Santaella (2013, p. 282), ao dizer que “os desafios são complexos e híbridos”, tanto para professores quanto para alunos e a comunidade escolar de modo geral, pois na perspectiva do letramento, a principal fundação da escola passa a ser a formação cidadã e o letramento digital um aspecto dessa cidadania.

Portanto, o reconhecimento dessas questões vislumbra uma irreversível e profunda transformação do âmbito curricular, na formação de professores, na estruturação das escolas, que, conseqüentemente, exigirá uma nova postura por parte da escola na formação cidadão, com o intuito de prepara não só o aluno, mas o professor (rede de ensino) para o futuro de um mundo em transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola poderia se torna um local diferenciado para construção e troca de conhecimento a partir do espaço virtual e digital, mas isso não ocorre, constituindo-se um desafio fazer a escola integrar-se as TDICs e incorporar isso como possibilidade de interação e participação.

Os professores não utilizam nenhum tipo de equipamento eletrônico em sala de aula devido à escola não possuir, nem o professor, os alunos, em parte possuem – celular, *tablet*, e *palm* –, mas com acessos limitados.

A não utilização de equipamentos eletrônicos demonstrou-se no reflexo da falta de formação do professor para essa utilização e também da falta de costume no manuseio e prática. Foi observado o comprometimento do professor com o processo de letramento. Pode-se afirmar que o professor está mais pautado na plataforma escrita e de leitura tradicionais. A ideia que se apresenta com este cenário é que o não uso do recurso eletrônico ocorre pelo desconhecimento e, conseqüentemente, pela não formação específica. Portanto, não há frustração do professor em não utilizar os recursos eletrônicos nas práticas de letramento.

A falta de apoio por parte da rede – sistema estadual – da qual a escola faz parte deve ser levada em consideração, no que concerne à formação do professor e as políticas que evidenciem o letramento digital. Muito se ouve e se vê, mas não chega de fato ao destino final que é a escola, o professor e principalmente ao aluno.

Como no efeito em cadeia, isso é demonstrado quando o professor pede para utilizar o laboratório de informática, sendo que este nem sequer se esforça para formular ou trabalhar em conjunto com o técnico, isentando-se e delegando a condução da atividade e elaboração do conteúdo ao técnico.

Isso se torna reflexo na percepção do aluno que não percebe o computador da escola como computador que é ou este com o mesmo sistema parecido ao que existe na casa dele. Muito do que foi visto e perguntado aos alunos reflete na falta de autonomia em suas práticas sociais evidenciadas na sua participação cidadã.

Alguns pontos, no processo de constituição da pesquisa foram extremamente favoráveis à consecução desses resultados, como o total apoio dos professores na participação da pesquisa, pois se estabeleceu uma total confiança ao pesquisador e nas relações que foram evidenciadas aos questionamentos propostos. A permissão da direção

escolar para realização da pesquisa também foi um fator que contribuiu com acesso e informação. E a aproximação com os alunos foi importante para que fosse relatado com fidelidade a sua postura em relação a pesquisa proposta.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. Alfabetização e Letramento têm o mesmo significado? **Revista Pátio**, São Paulo, v.9, n. 34, p. 47-48, maio/jun./ 2005.

_____. Reinventando Paulo Freire na escola do século 21. 91-107p In: TORRES, Carlos Alberto et al. **Reinventando Paulo Freire no século 21**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. (Série Unifreire).

KLEIMAN, A. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

_____. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 2. ed, Campinas: Mercado das Letras, 2012. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

_____. Projetos de Letramento na Educação Infantil. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada UNITAU**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <www.unitau.br/caminhos>. Acesso em: 5 dez. 2011.

LE MOS, A. **Cibercultura e mobilidade**: a era da conexão. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

_____. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Comunicação).

_____. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias a cibercultura.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2005.

SCHAUN, A. **Educomunicação: reflexões e princípios.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, M. Alfabetização e letramento têm o mesmo significado? **Revista Pátio**, v. 9, n. 34, p. 50-52, maio/jun./ 2005.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, jun./ 2002.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26., Poços de Caldas, 2003. **Anais...** Poços de Caldas, 2003.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.